

# Carregando Pedras

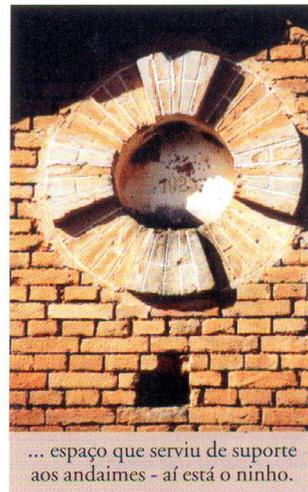
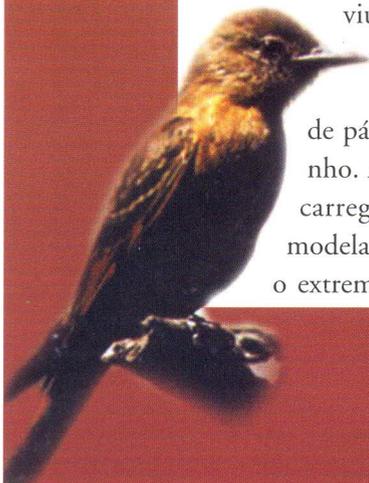
A leveza do vôo de um pássaro que carrega uma pena, uma pluma, um graveto, uma raiz para, somente com auxílio do bico, construir o berço dos filhotes, é cena que chega perto do encantamento. Entretanto, carregar pedras com peso de até cinco gramas para alicerçar o ninho, é arte que desafia e assusta a própria natureza.

A propriedade dos irmãos Zóchio, inserida no Bairro da Serra, vale belíssimo de terras férteis e cultivadas que se estende do “Pico da Serra Negra” para os lados do oriente, é um bom pedaço de paraíso. Casa da Sede de fundações centenárias, ladeada de flores multicoloridas e quase sombreada por jequitibás de mesma idade, centraliza o imóvel. A roda d’água com o marulhar do riacho cristalino, fazendo funcionar o moinho de fubá, gerando energia elétrica para os diversos pontos do sítio, é um mergulho às maravilhas de algum lugar do passado...

Terreiros para secar café, trilhas antigas, o lavador construído com pedras e os carregadores dos grãos em perfeito estado, guardam a lembrança silenciosa das riquezas que essa cultura alavancou em tempos idos, hoje, substituída pelo gado leiteiro e avicultura.

Diante de tanta beleza, nossa atenção maior voltou-se para a máquina de beneficiar café, construída em 1925 com tijolos espessos, pesados, queimados em olaria de forno à lenha, desenhando rosáceas nas paredes que acimam, em pé direito, a nave de muitas igrejas.

Em um dos espaços da parede que serviu de suporte aos andaimes durante a construção, contou-nos o proprietário que há pouco tempo, um casal de pássaro, novo na região, fazia ali seu ninho. A grande novidade é que as avezinhas carregavam pedras até aquela altura para modelar o ninho. Nossa curiosidade atingiu o extremo.



... espaço que serviu de suporte aos andaimes - aí está o ninho.

Nunca tínhamos ouvido falar em tal espécie mas as provas estavam ali, no amontoado de pedrinhas que caíram ao serem colocadas em lugar tão alto. Como a noite chegasse, voltamos para a cidade sem conhecer os “carregadores de pedra”.

Dias depois, retornamos ao sítio para registrar os pássaros e, na

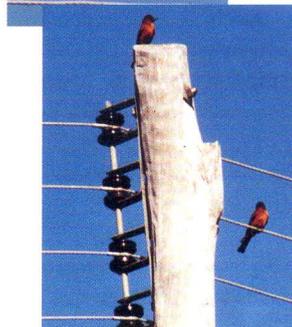
medida do possível, observar seus costumes.

Para surpresa nossa, os “carregadores de pedra” eram pássaros que conhecíamos até então, pelo nome vulgar de “bentevizinho-cor-de-vinagre”. Traje de joão-de-barro,



Pedrinhas que caíram ao serem colocadas em lugar tão alto

vôo de andorinha, porte de bem-te-vi mas seu ninho, foi sempre uma interrogação.

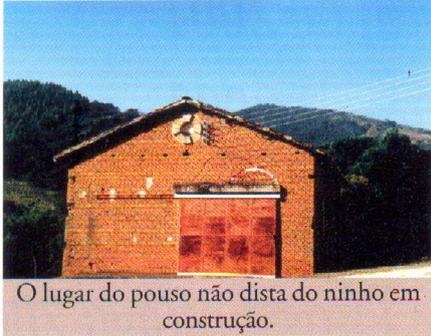


Vivem aos pares, pousados nos fios de energia elétrica ou cercas de arame farpado. Jamais os vimos pousados em árvores, telhados ou no chão, procurando alimento.

Comem durante o vôo, bebem durante o vôo como as andorinhas mas dispensam os longos giros de lazer pelos céus, aos bandos, como estas.

# Carregando Pedras

Em dias de chuva ou quando a noite chega, desaparecem. Brilhou o sol, lá estão eles no lugar costumeiro. Saem rápidos, caçam o inseto no ar com uma agilidade invejável e voltam para onde estavam. Sabemos agora que o local de pouso não dista do ninho em construção.



O lugar do pouso não dista do ninho em construção.

À presença do intruso, o macho reage levantando um lindo topete, no mesmo tom da plumagem do corpo, voa de forma rasante, quase resvalando o bico no que lhe incomoda e aí solta a voz: uma seqüência de consoantes, sem melodia, apenas em sinal de advertência. No mais, macho e fêmea são só silêncio.

Recorremos então a *Orgãos Especializados em Ornitologia\** com sede na capital de São Paulo, passando as informações que possuíamos e o Professor Fábio Silveira, do Museu Paulista de Zoologia concluiu que estávamos diante de exemplares de “*Hirundínea ferrugínea*” da família *Tyrannidae*. Horizontes ampliados, buscamos na obra de Helmut Sick, “*Ornitologia Brasileira*” à página 625, os nomes populares da espécie: “*Gibão-de-couro*”, “*Birro*”, “*Bentevi-de-gamela*” (Ceará).

“*Gibão-de-couro*” na verdade, fica-lhe bem, pois a tonalidade achocolatada da plumagem que reveste seu dorso e vai do pescoço até o encontro das



asas, lembra mesmo um gibão, cozido em couro cru.

Sobre a nidificação que para nós foi fato

inédito, encontramos à página 596 da mesma obra, o desenho original de Helmut Sick, datado de novembro de 1940, em Limoeiro, Espírito Santo e que agora confrontamos com o registro fotográfico de Francisco Saragiotto Neto, na propriedade dos Zódris aqui em Serra Negra, São Paulo. Do desenho à foto, passaram-se seis



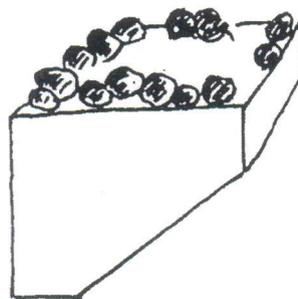
décadas e nada mudou.



Julho de 2002 - registro fotográfico de Francisco Saragiotto Neto

Quanto à postura, pintura dos ovos, comportamento dos filhotes, são tópicos que farão parte do próximo

passo de nossa investigação.



Novembro de 1940 - desenho original de Helmut Sick

No momento, nosso registro sobre “*Gibão-de-couro*” ou “*Bentivizinho-cor-de-vinagre*” como é conhecido aqui nas montanhas, é de pássaro silencioso, migratório que expressa toda sua dedicação e arte, carregando pedras para

construir o berço dos filhotes.

*Benedita Gomes Rosa*

*Fotografias: Francisco Saragiotto Neto*

*\* Nosso reconhecimento a Marta e Dione do Museu Paulista de Zoologia*

